

MADAME CHRYSANTHÈME, DE PIERRE LOTI – UMA LEITURA FRANCESA DO JAPÃO

Monica Setuyo Okamoto

RESUMO: Este artigo analisa a obra *Madame Chrysanthème* de Pierre Loti. Esse romance, que foi traduzido para trinta e seis línguas (inclusive para o português), foi responsável pela difusão da imagem do Japão do final do século XIX no mundo ocidental.

ABSTRACT: This article analyses the work *Madame Chrysanthème* by Pierre Loti. This novel that was translated to thirty-six languages (inclusive to Portuguese), it was responsible for spread of image of Japan of the end of XIX century in the West world.

PALAVRAS-CHAVE: romance, França, Japão, período Meiji e Loti.

KEYWORDS: novel, France, Japan, Meiji period and Loti.

Ao contrário do que muitos pensam, a primeira obra ocidental sobre o Japão, após a reabertura dos portos ao Ocidente, foi publicada por um brasileiro, Francisco Antônio de Almeida em 1879, com base em sua viagem ao País dos Samurais, ocorrida em 1874. Portanto, esse livro surgiu quase dez anos antes de *Madame Chrysanthème* (1887), do francês Pierre Loti. Infelizmente, o título de pioneiro nos assuntos nipônicos foi concedido a Loti, provavelmente graças à hegemonia das línguas francesa e inglesa, já que o livro de Francisco Antônio de Almeida, *Da França ao Japão* (1879), não conseguiu alcançar o respaldo merecido, tanto nacional quanto internacional¹

1. Aluísio Azevedo, em uma de suas declarações, expõe toda sua revolta com a situação do escritor brasileiro e aponta a inutilidade de suas produções que não encontravam público no exterior. Segundo ele, *Camões, se houvesse escrito em francês, o poema típico do Renascimento não seria a Divina Comédia*

Na verdade, desde o século XVI, o Japão tem despertado a curiosidade dos ocidentais, tanto que muitas obras a respeito do Extremo Oriente foram escritas nesse período, principalmente pelos jesuítas e comerciantes portugueses. Com o fechamento dos portos nipônicos ao Ocidente em 1639, o mistério e o exotismo em torno do povo japonês foram retomados. Durante quase dois séculos e meio o Japão se manteve fora dos palcos internacionais, mantendo contato exclusivo com a China, a Coréia e a Holanda. Tal fato, aumentou ainda mais a curiosidade ocidental, sobretudo quanto aos aspectos culturais desse país que sempre foi visto como exótico.

Com o advento da tecnologia ocorrido no século XIX, as distâncias entre os povos foram encurtadas e muitos relatos de viagem e impressões de terras longínquas passaram a ser produzidas por diplomatas, homens de negócio e oficiais navais.

Quanto ao romance *Madame Chrysanthème*, o próprio autor previne o leitor afoito em encontrar um livro repleto de peripécias, comuns nas ficções da época, que sua obra tem um tom mais lírico e cotidiano, ou seja, sem grandes aventuras ou paixões. Mesmo assim, a obra de Loti alcançou um estrondoso sucesso no mundo inteiro, em parte pelo seu caráter “pioneiro” em assuntos japoneses, mas principalmente pelo fenômeno do Japonismo estar em voga na Europa, no final do século XIX.

Fazendo um rápido esboço da vida de Julien Viaud (1850-1923), mais conhecido como Pierre Loti, percebemos que foi um sonhador. Provavelmente por isso, sentiu necessidade de viajar para países longínquos e exóticos tais como Constantinopla, Japão e China. Não foi por acaso que se tornou oficial naval e, posteriormente, escritor. O duplo ofício de marinheiro-escritor impulsionou a sua imaginação e criou o romance japonês *Madame Chrysanthème* (1887). Este romance foi inspirado em sua estada de três meses no Japão ocorrida em 1885, mais especificamente na cidade portuária de Nagasaki, onde casou-se, na vida real, com uma japonesa de dezoito anos chamada *Okane*. Apesar do romance ter sido baseado em fatos reais, o próprio Loti admite que muitas passagens foram criadas e não passam de pura ficção, inclusive o nome da esposa de Loti, no romance, foi mudado de *Okane* para *Okiku*. O discurso ficcional com caráter histórico é conseguido por meio da narrativa em primeira pessoa, o que reforça a idéia de experiência vivida pelo próprio autor. Além disso, Loti substitui o critério da “veracidade” pelo de “verossimilhança” Quanto a essa questão, Sandra Pesavento (1998) afirma que *as representações do mundo social não se medem pela veracidade, mas pela sua credibilidade, aceitação e capacidade mobilizadora* (p. 23).

Vale lembrar que o sucesso do livro de Loti se deve, entre outras coisas, ao fato de ter sido publicado num período em que o fenômeno do Japonismo encontrava-se em seu auge na Europa e nos Estados Unidos. Loti inaugurou o tema do cotidiano japonês e construiu, a partir de sua vivência e de seu olhar “sonhador”, a imagem do Japão.

A atenção lotiniana também se concentrou no exotismo, no caráter de novidade e mistério de uma terra que esteve oculta por quase dois séculos e meio. Para a decepção

e sim Os Lusíadas... (1984, p. 8). Fica clara a indignação do escritor de *O Mulato* ante a situação desprivilegiada de nossa língua.

de Loti e seus leitores, parte desse exotismo foi dissolvida ao encontrar em Nagasaki uma civilização já bastante ocidentalizada, dez anos após a reabertura dos portos japoneses ao Ocidente.

Quand Nagasaki parut, ce fut une déception pour nos yeux: au pied des vertes Montagnes surplombantes, c'était une ville tout à fait quelconque. (p. 50).

Como foi mencionado anteriormente, Loti, em seu prefácio, faz uma advertência, previne o leitor, acostumado a romances de ação, a respeito da monotonia de sua obra *Madame Chrysanthème* e admite a falta de intrigas, tragédias e até a *falta de amor* (o tema do casamento entre um oficial naval e uma japonesa está muito longe das paixões de Weber ou dos conflitos amorosos de Flaubert). Aliás, o título não é o tema do romance, pois segundo Loti, em sua dedicatória à Duquesa de Richilieu,

...il est bien certain que les trois principaux personnages sont Moi, le Japon et L'Effect que ce pays m'a produit. (p. 43).

Portanto, a personagem Madame Chrysanthème tem um papel apenas funcional de esposa japonesa casada com um ocidental, ou seja, ela possibilita que o autor tenha um contato mais profundo com o Japão, a sua cultura, o seu pensamento e o seu modo de viver. Ao contrário do que muitos costumam imaginar, o romance de Loti está muito longe de ser uma história de amor entre uma japonesa e um ocidental. Basicamente conta a história de um oficial naval que, durante sua curta estada no Japão, casa-se com uma mulher japonesa chamada *Okiku* (Cristântemo) apenas para satisfazer a sua curiosidade.

A escolha da noiva é, literalmente, uma transação comercial envolvendo interesses financeiros, garantias e contrato com a família da noiva. Naquela época, no Japão, era muito comum que famílias japonesas mais necessitadas vendessem suas filhas. Em geral, toda a negociação era feita por intermédio do dono de uma casa de chá, o qual exercia a função de mediador entre os clientes e as famílias. Esse tipo de comércio foi duramente criticado, posteriormente, por Fukuzawa Yûkichi (1865-1901), pensador japonês que defendeu os direitos das mulheres no período Meiji (1868-1912), como veremos mais adiante.

Após a reabertura dos portos japoneses em 1868, Nagasaki intensificou o contato com marinheiros, comerciantes e políticos estrangeiros (anteriormente restrito aos holandeses, chineses e coreanos). Portanto, eram freqüentes os casos de aventuras amorosas e prostituição de adolescentes japonesas. Esse mercado de mulheres é descrito com muita naturalidade no romance de Loti, que chega a discutir a cor de gueixa que não lhe agrada:

C'est une demoiselle très jolie, d'une quinzaine d'années. On l'aurait probablement à dix-huit ou vingt piastres par mois, à la condition de lui offrir maison agréable et bien situé, – ce qu'un galant homme comme moi ne peut manquer de faire. (p. 67).

Elle est bien jeune, dis-je, – et puis trop blanche; elle est comme nos femmes françaises, et moi j' en désirais une jaune pour changer. (p. 73).

– C'est entendu, Missieu! Ses parents vous la donnent pour vingt piastres par mois, – au même prix que mademoiselle Jasmin... (p. 75).

Para se compreender melhor a temática feminina dentro do romance lotiniano, é necessário retornar ao período feudal japonês, quando, por influência do confucionismo, a educação feminina estava voltada às necessidades do homem. As mulheres eram destinadas a servir e a obedecer o homem, serem gentis, puras, limpas, leais e benevolentes. A temática da condição da mulher japonesa foi bastante criticada por Fukuzawa Yûkichi (1865-1901), um proeminente educador e crítico social que defendeu a posição feminina dentro da sociedade japonesa. Segundo Fukuzawa, as mulheres, por vezes, não eram sequer consideradas seres humanos pelos homens nipônicos, os quais chegavam a trocar a esposa por mercadorias ou cavalos. A crítica de Fukuzawa a essa situação, na verdade, estava mais ligada à sua preocupação com a imagem do Japão no mundo ocidental, ou seja, os costumes sociais japoneses seriam vistos como incivilizados e opressivos pelo Ocidente e, conseqüentemente, o Japão poderia ser rotulado como uma nação incapaz de se igualar às grandes potências no processo de modernização.

De certo modo, Fukuzawa teve razão ao se preocupar com a questão da imagem do povo nipônico, pois Loti, em seu convívio com os japoneses, não escondeu o seu espanto diante da baixa estatura dos nipônicos e certos costumes pouco comuns aos ocidentais. Além disso, apresentou uma obsessão em usar diminutivos para caracterizar o Japão e o seu povo. Loti sentia-se um gigante numa terra de pequeninos,

...petits hommes jaunes, tout nus avec de longs cheveux... (p. 49).

... est un jardin en miniature – où deux beaux chats...labyrinthe liliputien...Le jardin est maniéré au possible: aucune fleur, mais des petites rochers, des petits lacs, des arbres nains taillés avec um goût bizarre... (p. 62)

Muitos críticos condenam essa representação do Japão reduzida a um plano caricatural feita por Loti. O estereótipo do Japão, como o país das *mussumês*² e dos japoneses, como um povo pequeno, frágil e sorridente, criou a imagem literária do nipônico como uma raça física e culturalmente inferior à raça ocidental, em outras palavras, percebe-se uma valorização do “Eu” em detrimento do “Outro”

O autor de *Madame Chrysanthème* utiliza-se da viagem para conhecer o “Outro” e, a partir de seu testemunho, cria a imagem literária do Japão e do seu povo, reunindo e selecionando uma série de elementos culturais para diferenciar o “Eu” do “Outro”

A representação do “Outro”, feita por Loti, como uma nação frágil habitada por *macaquinhos amarelos*³ predominou até o começo do século XX, quando o Japão surpreendeu o mundo ao derrotar a Rússia na guerra em 1905. O País das *Mussumês*

2. Termo utilizado por Wenceslau Moraes que designa a frágil esposa japonesa.

3. Loti usa essa expressão para definir os japoneses da época, os quais costumavam, a seu ver, “imitar” o Ocidente.

destoava da descrição feita por Pierre Loti, o qual subestimou as forças dos *pequenos homens amarelos, de pernas tortas* e que idolatravam o seu *imperiozinho*. O Japão deixa de ser o país das *mussumês* para ser o dos grandes heróis, como pode-se constatar no artigo intitulado “Russia”, do jornal *O Correio Paulistano*, datado de 19 de setembro de 1905:

...foram determinações que recebi desde o começo da guerra, devendo referir-me detalhadamente às causas e efeitos do grave conflicto que acabava então de se travar entre o mais vasto império do mundo e a nação mais heróica do Extremo Oriente. (p. 1, grifo nosso).

Quanto ao enredo, o romance é sem grandes acontecimentos. Após o casamento, a vida cotidiana do casal é relatada como um terrível tédio para o oficial naval, que procura na espiritualidade o equilíbrio para suportar a união monótona. O tom lírico constante é percebido nas reflexões de Loti, as quais são feitas sempre em locais propícios como templos e santuários, ao som do *shamisen*, da chuva ou do “silêncio insuportável”. Pode-se perceber também uma atmosfera de sonho, divagação lírica e meditação filosófica, por exemplo, no capítulo em que Loti faz uma visita a um templo budista:

Les rues suivent une pente ascendente (car les temples sont toujours sur des hauteurs) et, à mesure que nous montons, à la féerie des lanternes et des costumes s'en ajoute une autre, qui est lointaine, bleuâtre, vaporeuse: tout Nagasaki, avec ses pagodes, ses montagnes, ses eaux tranquilles pleines de rayons de lune, s'élevant em même temps que nous dans l'air. (p. 149).

Há também, nesse clima de introspecção, a presença constante da natureza envolvendo o seu estado de espírito⁴. Religiosidade e culto à natureza são duas características básicas presentes na literatura tradicional japonesa, fato que nos leva a pensar num possível diálogo entre as duas culturas ocorrida num determinado momento da estada de Loti no Japão.

Assim reafirmamos o que foi dito no começo deste artigo, que Loti foi um sonhador ao misturar realidade e ficção para compor a sua obra. Como foi visto, alguns trechos do livro são exemplos de puro devaneio do autor que parece encontrar-se nos limites entre o sonho e a vigília. Esse estado místico, fora do plano real, também pode ser notado na forte presença religiosa que povoa o romance, com freqüentes descrições de templos e santuários.

Apesar de todas as críticas de seus contemporâneos, Loti despertou o interesse ocidental pela cultura japonesa e atingiu outras áreas como a pintura, por exemplo (Vincent van Gogh pintou um retrato imaginário de madame Chrysanthème). O americano naturalizado Lafcadio Hearn e o português Wenceslau Moraes ficam fascinados com a descrição da mulher japonesa de Loti e, alguns anos mais tarde, mudam-se para o Japão e casam-se com *mussumês*. A ópera *Madame Butterfly* (1904), de Puccini, também foi inspirada na obra de Loti, sem contar as outras variações do tema de *Chrysanthème*, tais como *Minha esposa japonesa* (1895), do inglês Clive Holland, e outras pequenas obras francesas sempre em torno da *petite mousmé*.

Loti, na qualidade de oficial naval, esteve por pouquíssimo tempo no Império do Sol Levante, aliás tempo insuficiente para conhecer a fundo uma cultura milenar cheia de complexidades no que diz respeito ao seu pensamento, às suas crenças e às suas superstições. Infelizmente, foi essa imagem do japonês, por vezes caricatural, narrada por Loti que se espalhou largamente pelo Ocidente.

Bibliografia

- AZEVEDO, Aluísio. *O Japão*. Apresentação e comentário por Luiz Dantas. São Paulo, Roswitha Kempf Editores, 1984.
- CORREIO PAULISTANO. “Movimento das Idéias em França” artigo publicado no jornal *Correio Paulistano* em 14 de outubro de 1904, p. 1.
- FUKUZAWA, Yukichi. *The autobiography of Fukuzawa Yukichi*. (Revised translation by Eiichi Kiyoda with a preface and after word by Albert Craig). Lanham, New York and London, Madison Books, 1992.
- KUNIYOSHI, Celina. *Imagens do Japão. Uma Utopia de Viajantes*. São Paulo, Estação Liberdade/ Fapesp, 1998.
- LEENHARDT, J. “A Construção da Identidade Pessoal e Social através da História e da Literatura”. *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas, Unicamp, 1998, pp. 17-40.
- LOTI, Pierre. *Madame Chrysanthème*. Paris, Flammarion, 1990.
- LUCKÁCS, G. *La novela histórica*. Tradução: Jasmin Reuter, 3ª ed., México, Era, 1977.
- MORAES, Wenceslau. *A Vida Japonesa*. Porto, Livraria Chadron, de Lello & Irmãos editores, 1907.